



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

INSERÇÃO DE MULHERES NO FAZER PERCUSSIVO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO GRUPO “AS CALUNGAS” NA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB

Elizangela dos Santos Garcia

Universidade Federal da Paraíba - elizaufpb@gmail.com

Resumo: Localizado na área da etnomusicologia, cuja compreensão do fazer musical abarca o estudo das relações entre música, cultura e sociedade, este trabalho traz a análise de alguns dos fatores integrantes e resultantes das atividades de inserção de mulheres no campo da prática percussiva, atualmente na cidade de João Pessoa-PB, através de um estudo de caso autoetnográfico realizado no contexto do grupo percussivo “As Calungas”, formado exclusivamente por mulheres. Como embasamento teórico, seguindo epistemologias que contribuam para etnomusicologia feminista, compartilho da perspectiva parcial dos saberes localizados como premissa feminista e da compreensão de performances musicais como atos performáticos localizados. A partir da análise dos resultados obtidos através da realização de pesquisa bibliográfica, observação participante, pesquisa documental, entrevistas semi-estruturadas e aplicação de questionários, e fazendo uso da abordagem qualitativa, é possível compreender “As Calungas” como um ponto de encontro consolidado no que diz respeito à visibilização da mulher percussionista e da mulher na percussão, na capital paraibana, sendo tal grupo um lugar de convergência para inserção de mulheres no campo percussivo, ainda considerado um espaço masculinizado na música. “As Calungas” destaca-se localmente como um grupo que, além de possibilitar o protagonismo da mulher no fazer percussivo, contribui ativamente para consolidação de uma rede de mulheres que, entre várias possibilidades de convergências, encontram na percussão um meio catalisador do processo de empoderamento.

Palavras-chave: etnomusicologia feminista, mulher e percussão, “As Calungas”.

Introdução: A produção acadêmica brasileira sobre o fazer musical, considerando a categoria “gênero”, embora tenha crescido já desde o final da década de 1980, ainda deixa lacunas (LUHNING; ROSA 2010), especificamente se considerarmos a intersecção temática “mulher e percussão”. Muitas trajetórias, contribuições e conquistas foram e continuam sendo invisibilizadas tanto no âmbito acadêmico como fora dele. A etnomusicologia, ao permitir uma abordagem

transdisciplinar, que considera o fazer musical para além da produção de estruturas sonoras, abarcando o estudo de relações entre música, cultura e sociedade, possibilita a problematização deste cenário de invisibilização, assumindo aspectos históricos e socioculturais como indissociáveis aos processos que constituem a performance musical e sua divulgação.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Segundo Rodrigo Savelli Gomes

(2013), assim como os cânones da música europeia foram consolidados a partir do ponto de vista da masculinidade, privilegiando a figura do homem e do universo masculino em detrimento da mulher e do feminino (WILLIAMS 2007; McCLARY 1991¹ *apud* GOMES 2013), o imaginário que veio sendo construído a respeito da história, seguiu um processo semelhante. Trata-se de uma narrativa cujo protagonismo está hierarquizado na figura dos compositores – em sua imensa maioria homens – e suas obras musicais registradas em partituras ou gravações, cuja estrutura seletiva está edificada pelos padrões estéticos estabelecidos pela, assim chamada, “alta cultura” através da categorização ‘arte’. Nesta narrativa, assume segundo plano a produção dos cantores-intérpretes, e terceiro ou nenhum plano a produção dos arranjadores, regentes, instrumentistas, a audiência, a música de tradição oral, a música fora dos padrões consagrados, fora dos grandes centros urbanos e, a produção musical feminina.

Assumo como pressuposto teórico a perspectiva de epistemologias feministas que consideram que a reflexão segue a experiência, entendendo que “a realidade já

não cede à necessidade de encaixar-se na teoria previamente moldada” (ROSA e NOGUEIRA 2015, p.48). Considero o pensamento de Donna Haraway (1995) ao acreditar que “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver” (HARAWAY, 1995, p.21). Laila Rosa (2009) estende tal entendimento ao próprio conceito de performance, afirmando que as performances musicais são atos performáticos localizados e ressaltando o “*Nós mesmas como ‘objeto’* sobre a importância de se colocar na pesquisa enquanto sujeito, como mulheres pesquisadoras que têm uma experiência específica, assim como um lugar social/acadêmico, a princípio diferente do lugar que ocupam os homens pesquisadores” (MOSALA 2000 *apud* ROSA 2009, p. 51) .

Este trabalho propõe apresentar e discutir questões relacionadas ao fazer musical de mulheres na percussão, a partir de um estudo de caso etnográfico/autoetnográfico, numa tentativa de colaborar com a visibilização e reconhecimento de seus trabalhos, bem como para uma melhor compreensão de como pode ocorrer o processo de inserção de mulheres

¹ McCLARY, Susan. *Feminine Endings*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

em espaços de prática percussiva, tomando como referência “As Calungas”, grupo percussivo da cidade de João Pessoa. Visando contribuir para construção de uma reescrita da história de mulheres na música brasileira (ROSA *et al.* 2013, p. 117) especificamente no campo da percussão, destaco a importância da visibilização da mulher, trazendo para primeiro plano práticas que revelam conquistas de mulheres envolvidas numa rede de empoderamento tecida pela prática percussiva na cidade de João Pessoa-PB.

Metodologia: Seguindo uma abordagem qualitativa, os dados utilizados nesta investigação foram obtidos através de pesquisa etnográfica composta por entrevistas semiestruturadas, realizadas com mulheres percussionistas em atividade; estudo de caso etnográfico/autoetnográfico realizado com o grupo “As Calungas”, formado exclusivamente por mulheres, somado a entrevistas semiestruturadas feitas com integrantes do grupo e questionários aplicados para participantes das oficinas de percussão oferecidas pelo mesmo; pesquisa bibliográfica acerca das categorias relevantes para a análise e discussão; e pesquisa documental, considerando o acervo de imagens e vídeos disponibilizados pelas entrevistadas durante a

realização da pesquisa e o material disponível *online* acerca do universo em questão.

Sobre a etnografia da performance musical, destaco Tiago de Oliveira Pinto (2001) ao apontar que:

A etnografia da *performance* musical marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades. Abre mão do enfoque sobre a música enquanto “produto” para adotar um conceito mais abrangente, em que a música atua como “processo” de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos meramente sonoros. (PINTO 2001, p. 227-228)

Tendo em vista minha participação no grupo “As Calungas”, que se deu de diferentes maneiras no decorrer da trajetória do mesmo, inclusive antes da realização desta pesquisa, tornou-se fundamental entender aspectos fundamentais que compõe um estudo autoetnográfico uma vez que as reflexões geradas durante a investigação foram possibilitadas não só pela etnografia mas também pela minha própria experiência enquanto participante de atividades do grupo e do Bloco “As Calungas”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Para Heewon Chang (2007, tradução minha)², a “autoetnografia deve ser etnográfica em sua orientação metodológica, cultural em sua orientação interpretativa e autobiográfica em sua orientação para o conteúdo”.

Resultados e Discussão

Atualmente a cidade de João Pessoa/PB apresenta grupos percussivos formados exclusivamente por mulheres que, através de suas performances, articulam empoderamento e fazer percussivo de diferentes maneiras. A “Coletiva Coco das Manas”, o grupo “Tia Ciata Samba Clube”, o grupo percussivo de maracatu de baque virado “Baque Mulher/JP” e o grupo “AjaMulher”, atuam na cidade trazendo o protagonismo da mulher em suas performances e intervenções em diferentes locais voltados ao fazer musical, de escolas a manifestações nas ruas. Com atuação já consolidada, “As Calungas” é um desses grupos, cujo estudo revela nuances e estratégias para dar acesso ao ensino de percussão à mulheres que buscam tal atividade com diferentes objetivos, tais como lazer, socialização e aprendizado musical.

² *Autoethnography should be ethnographical in its methodological orientation, cultural in its interpretive orientation, and autobiographical in its content orientation.*

Fundado em 2012, este grupo percussivo agrega performance e educação musical não-formal, realizando, desde 2015, oficinas abertas de percussão que culminam na saída de um bloco pré-carnavalesco com dezenas de mulheres, o qual conquista crescente audiência desde seu surgimento e teve visibilidade midiática local consolidada em sua última edição, realizada em 2018.



Figura 1: Bloco “As Calungas” (2017) - naipes de agbês. Foto: Renato Ramalho.

Atualmente “As Calungas” conta com nove³ percussionistas, de diferentes formações, que além de fazerem apresentações artísticas em diferentes espaços

³ “As Calungas” tem um número de integrantes, nas performances musicais, que pode ser maior ou menor na medida em que algumas participantes, por diversos motivos, apresentam diferentes disponibilidades para as atividades. Quando alguém não pode estar presente continuamente nas apresentações, a sua colaboração com o trabalho do grupo pode ocorrer de outras formas, que não na performance musical, tais como nos trabalhos ligados à divulgação dos eventos promovidos, através de redes sociais.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de performance musical, principalmente no estado da Paraíba, organizam-se para planejar e executar a recepção de mulheres nas oficinas abertas, oferecidas a cada ano no período do mês de outubro até a semana que antecede o carnaval. Até o presente momento, como culminância destas oficinas, o Bloco “As Calungas” já teve quatro edições realizadas (2015, 2016, 2017 e 2018).

A cada ano é feito um planejamento com meses de antecedência das oficinas abertas, buscando estruturar o formato dos encontros, as demandas de materiais necessários e infraestrutura, o calendário de atividades e os encaminhamentos que ficarão sob responsabilidade de cada integrante. Embora cada edição apresente novas expectativas e desafios, alguns aspectos se mantêm e acabam por caracterizar o funcionamento do bloco, tais como a gestão coletiva de todo processo de concepção e produção e o acesso irrestrito e gratuito garantido às mulheres que participam das atividades.

Desde sua primeira edição, o Bloco “As Calungas” mantém a proposta de dar oficinas de percussão a fim de agregar mulheres que tenham vontade e disponibilidade para ensaiar e se apresentar na

chamada “quinta-feira das flores”, ocasião em que as cores vibrantes dos figurinos de chita são refletidas pelas ruas da cidade. O projeto do Bloco “As Calungas” começou a ser materializado, em 11 de janeiro de 2015, através de oficinas abertas para mulheres realizadas na Praça Anthenor Navarro, no Centro Histórico de João Pessoa, com o ensino de ritmos e técnicas básicas de percussão, visando o desfile em cortejo pelas ruas que são espaços conhecidos por receber brincantes e foliões durante o pré-carnaval pessoense. Muitas das participantes relatam que tiveram o primeiro contato com elementos de manifestações tradicionais da cultura popular através das oficinas, uma vez que o grupo trabalha com estruturas rítmicas presentes no repertório da cultura popular, encontradas no coco, ciranda, maracatu de baque virado, ijexá, entre outros. Desde seu surgimento, o grupo recebe cada vez mais mulheres, num movimento periódico que começa pelo oferecimento de oficinas gratuitas de percussão, atividade que vem sendo iniciada cada vez mais cedo a cada ano (**Tabela 1**), passando pela criação de uma rede de colaboração que é fundamentada na educação musical não-formal e com ápice na saída do bloco.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ANO	INICIO DAS OFICINAS	SAIDA DO BLOCO	NUMERO DE INSCRITAS
(I) 2015	11.01.15	24.02.15	30
(II) 2016	20.12.15	04.02.16	45
(III) 2017	30.10.16	23.02.17	59
(IV) 2018	01.10.17	08.02.18	86

Tabela 1 - O aumento do número de participantes em cada edição do Bloco “As Calungas”

Os vínculos e afetos criados e fortalecidos durante as atividades que preparam as mulheres para participação no bloco vão além da formação de batuqueiras pois viabiliza o encontro de mulheres que passam por diversos enfrentamentos cotidianos e acabam por se fortalecer, juntas, em busca de emancipação, marcando uma movimentação de saída da esfera privada para a esfera pública, onde o protagonismo é todo delas.



Figura 2: Bloco “As Calungas” (2017) - naipes de agogôs. Foto: Renato Ramalho.

São vários meses de ensaios gerais, ensaios de naipes, reuniões, onde a empolgação aumenta à medida que a data do

bloco se aproxima, proporcionando a criação de uma atmosfera de união entre as mulheres participantes. Na página do grupo no *facebook* e nos grupos de comunicação via *whats app*, todas acompanham a contagem regressiva, lembrada em publicações diárias. Algumas mulheres aproveitam alguns dos encontros e conseguem obter renda extra, vendendo produtos a quem possa interessar, como lanches e artesanatos. Todas se ajudam.



Figura 3: Prévia do Bloco “As Calungas” (2018) - naipes de caixas. Fonte: <
<https://www.facebook.com/ascalungas/>>.

No grupo “As Calungas”, a função de apitar, alertando as oficinandas para inícios e finalizações, mudanças de estruturas rítmicas e convenções, é compartilhada entre as integrantes, de forma que se tenha pelo menos uma referência com apito em cada um dos quatro naipes, compostos por agbês, agogôs, caixas, alfaias.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Para auxiliar a memorização de

estruturas rítmicas trabalhadas durante as oficinas, as integrantes das “Calungas” fazem uso da tecnologia e de recursos didáticos ao gravar, editar e disponibilizar vídeos⁴ para as afinandadas. Nesses vídeos, que contam com uma integrante de cada naipe, é executada a sequência tal qual o repertório do bloco, contando ainda com a manufatura para o instrumento legendada em alguns casos. As *calungas* respondem positivamente pois passam a entender melhor suas evoluções nos instrumentos, assim como o que precisam melhorar, aproveitando essa ferramenta didática de acordo com a flexibilidade de seus horários. Também são marcados horários extras de encontro dos napes, em outros dias da semana, de acordo com as demandas das afinandadas, que acabam criando vínculos afetivos ainda mais fortes.



Figura 4: Bloco “As Calungas” (2017) - naipe de alfaías. Foto: Renato Ramalho.

Na medida em que as atividades do bloco são encaminhadas, as participantes das oficinas naturalmente passam a denominar umas às outras como *calungas*. Essa designação marca a ideia de pertencimento e identificação com o grupo, abarcando mulheres em sua diversidade, tendo em vista o propósito de inclusão no ensino de percussão através da realização dos encontros. Esse processo de identificação com o fazer percussivo enlaça a questão do empoderamento individual e coletivo. Em muitos casos o fazer percussivo ultrapassa as demandas do bloco e acaba por ser um objetivo para as participantes, que passam a procurar espaços formais de ensino e/ou começam a integrar outros grupos musicais, consolidando a função de inserção de mulheres no âmbito da prática percussiva na cidade.

⁴ Exemplos desse material podem ser visualizados no canal do youtube “Batuque Calungas”. Disponível em: <

https://www.youtube.com/channel/UC7OcipNwk-UsWd86LrdL_kw/about?disable_polymer=1>. Acesso em: 06 de junho de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Conclusões: Considerando os avanços alcançados por movimentos de empoderamento da mulher, em escala global, tanto os que se assumem feministas como os que evitam rotulações, a formação de grupos percussivos integrados exclusivamente por mulheres tem sido um meio frequentemente utilizado para dar visibilidade à luta contra o patriarcado e as formas hegemônicas de dominação.

“As Calungas” destaca-se localmente como um grupo que possibilita, em diferentes espaços sócio-culturais da cidade de João Pessoa, o protagonismo da mulher no fazer percussivo. Para além disso, o grupo contribui ativamente para consolidação de uma rede de mulheres que, entre várias possibilidades de convergências, encontram na percussão um meio catalisador do processo de empoderamento feminino. Ao expandir-se para o formato de bloco de rua, recebendo mulheres e dando suporte ao aprendizado de percussão integrado com a criação de vínculos afetivos e trocas de experiência, “As Calungas” articulam resistência cotidianamente e, por todas as suas vias de atuação, comunicam que “Lugar de mulher é onde ela quiser”.

Referências:

CHANG, Heewon. Autoethnography: Raising Cultural Consciousness of Self and Others. In **Methodological Developments in Ethnography (Studies in Educational Ethnography)**. WALFORD, Geoffrey (ed.). Emerald Group Publishing Limited, v.12, p.207 - 221, 2007. Disponível em: <<https://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1016/S1529-210X%2806%2912012-4>>. Acesso em: 06 out. 2018.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá”: a atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.28, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

LUHNING, Angela; ROSA, Laila. Música e cultura no Brasil: da invisibilidade e inaudibilidade à percepção dos sujeitos musicais. In: ALVES, Paulo César (Org.). **Cultura: múltiplas leituras**. São Paulo; Salvador. EDUSC; EDUFBA, p. 319-348, 2010.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

transgressoras em música. Revista Vórtex,
Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.25-56.

ROSA, Laila. Pode performance ser no
feminino? **Ictus**. Salvador: PPGMUS/UFBA,
v. 11, n. 2, 2010.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; HORA,
Eric; SILVA, Laurisabel; MORAES, Luciano
Medeiros de; ALCÂNTARA, Neila;
ARAÚJO, Sheila. Epistemologias feministas
e a produção de conhecimento recente sobre
mulheres e música no Brasil: algumas
reflexões. In: NOGUEIRA, Isabel Porto;
FONSECA, Susan Campos (Orgs.). **Estudos
de gênero, corpo e música: abordagens
metodológicas**. Goiânia/Porto Alegre:
ANPPOM, 2013.

WILLIAMS, Alastair. **Construting
Musicology**. Ashgate: Burlington, USA,
2007.